



SIMULACRUM © DR

31 Julho TERÇA, 21:30 — *Anfiteatro ao Ar Livre*

Simulacrum

John Medeski Órgão Hammond

Matt Hollenberg Guitarra elétrica

Kenny Grohowski Bateria

Depois de *The Garden of Earthly Delights*, de 2016, disco em que **John Medeski**, **Matt Hollenberg** e **Kenny Grohowski** tiveram a companhia de Trevor Dunn e da portuguesa Sara Serpa num tributo às visões do Paraíso e do Inferno de Hieronymus Bosch, eis que os **Simulacrum** regressam ao original formato de trio e ao que lhes é mais essencial. Uma música com matriz no heavy metal que tem a particularidade de, na sustentação da sua sonoridade, contar com os préstimos de um órgão Hammond B-3 – o instrumento hoje considerado *vintage* que mais definiu as identidades tanto do rock progressivo como do hard rock na década de 1970. Se tal moldura convidava a que Medeski, o teclista de serviço, buscasse referências no que fizeram com o Hammond grupos dessas áreas como Emerson, Lake & Palmer ou Deep Purple, a particularidade desta formação que interpreta, em exclusivo, composições de John Zorn está no facto de o órgão que ouvimos ser o do jazz e dos blues, o órgão dos Lifetime de Tony Williams, tocado por Larry Young.

O contraste assim obtido abriu a porta a outros, como só poderia ser em se tratando de um projeto sob os auspícios de Zorn. As peças escritas por este para os **Simulacrum** incluem características do minimalismo de Steve Reich e Terry Riley tanto quanto do atonalismo de Iannis Xenakis e Gyorgy Ligeti. A intensidade elétrica do metal convidou ainda a outro fator identificativo do grupo – uma exponenciação da distorção e do *feedback* e a consequente entrega à estética do noise, e daí que esta banda seja descrita como o «trio de órgão mais extremo de sempre». Um dos temas gravados pelos **Simulacrum** intitula-se *Paradigm Shift*, incluído no seu álbum homónimo, o primeiro de cinco, surgido em 2015, e cuja capa ostenta uma caveira: é isso, precisamente, o que parece estar em questão, uma mudança de paradigma, ou pelo menos a dobragem dos padrões existentes (os do metal e do jazz, para começar) até um ponto de quase fratura.

RUI EDUARDO PAES